

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

SANDRA BIZERRA DA SILVA SOUZA

**NA CONQUISTA DESSA TERRA QUE GARANTIMOS NOSSO PÃO:**  
A retomada do território Xakriabá das aldeias Caraíbas e Várzea Grande.

Belo Horizonte - MG

2020

SANDRA BIZERRA DA SILVA SOUZA

**NA CONQUISTA DESSA TERRA QUE GARANTIMOS NOSSO PÃO:**

A retomada do território Xakriabá das aldeias Caraíbas e Várzea Grande.

Trabalho de conclusão do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Licenciatura em Línguas, Artes e Literatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador: Pedro Rocha

Belo Horizonte – MG

2020

*Em memória de meu pai,  
Amerindo Bizerra da Silva.*

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente a Deus por ter me concedido a vida e a oportunidade de participar do curso. Aos meus familiares e amigos, que contribuíram direto ou indiretamente no meu trabalho e por estar conosco todo esse tempo nos dando força, especialmente a minha filha, Chaiany luz da minha vida de onde vem parte da minha inspiração.

Quero agradecer também a todas as Lideranças e ao Cacique, pois são eles que estão sempre lutando para garantir nossos direitos para que tenhamos as mesmas oportunidades que todos, inclusive nas Universidades. Agradeço também os professores e direção da Escola Estadual Indígena Bukinuk, pela compreensão da minha ausência, em especial aos professores das escolas das aldeias Caraíbas e Peruaçu. Às pessoas que me concederam as entrevistas e compartilharam seu conhecimento para me ajudar, e que foram peças fundamentais no meu trabalho. Em especial, agradeço aos mais velhos, que são as “bibliotecas vivas” de nossas comunidades.

Quero agradecer também aos coordenadores professores, bolsistas e secretaria do FIEI, colegiado, e em especial, meu orientador, pela força e por ter me orientado esses quatro anos, pelo carinho e dedicação, paciência e parceria nessa jornada. Agradeço também a todos os meus amigos que fazem parte da minha caminhada, pois cada um com sua maneira contribuiu na minha jornada de estudo, a minha turma LAL por ter essa diversidade de povos, culturas diferentes, pataxó e pataxó Hahãhãe, onde pode conhecer um pouco da cultura de cada um, isso foi fundamental para minha formação. Por fim, agradeço todo o nosso povo Xakriabá

## **Memórias e Sentimentos do povo Xakriabá: A importância da luta de hoje, herança dos nossos antepassados**

*“Era um dia que tudo parecia comum, mais algo aconteceria. A história que nunca para a luta que não se finda. A sombra que não separa a busca do povo indígena.*

*Num pedaço de chão, onde tudo parece tão simples, mais o que move o povo então é o respeito pela terra, que nela se cultive, cultivo de união que faz a força. Cultivo de espiritualidade que move os sonhos, fortalece as esperanças e reafirma nossa identidade.*

*Dias estes que em cada olhar transcreve uma lembrança, preocupação do que deixaremos para nossos filhos, do que deixaremos para nossos netos e ainda, do que deixaremos para nossa futura geração.*

*As mãos só ficarão atadas se ficarmos só imaginando sem agir, este não é o nosso povo e esta não seria a nossa conduta. Onde os nossos mais velhos nos ensinaram e nos ensinam até hoje, que tudo está em movimento e nem se quer uma folha cairá ao chão, se não for pela permissão de Tupã.*

*E por isso pedimos a licença, porque a terra é sagrada. Muitos dos nossos estiveram aqui um dia e muitos dos nossos estarão aqui no futuro. Tudo está interligado, para nós não existe saúde, educação, nada, simplesmente nada sem a conquista do território.*

*A juventude vem com força e também muita coragem, registrar mais este capítulo que nas linhas se revigora. Nossos mais velhos*

*fortalecem a nossa vontade, todos escrevem mais uma parte da história.*

*Ser Xakriabá não está na aparência, mas sim, na essência do índio, que luta e vive na constante busca de quem incansavelmente, sonha por dias melhores.*

*Na cozinha improvisada debaixo de uma árvore se faz o alimento com muita boa vontade, o arroz e o feijão, abobora e também a carne. Pela manhã temos café, o biscoito e o pão, a noite temos o jantar que revitaliza nossos irmãos, um ajudando o outro e assim vamos cumprindo mais um dia de missão.*

*Todos têm algo a dizer, numa palavra ou em uma ação, pois a luta não pode morrer, caminhamos na mesma direção.*

*Existem muitos disse e me disse, mais a verdade é uma só. A luta não tem limites, queremos desatar mais este nó. Onde um povo se fortalece unidos, na caminhada não estamos só.*

*Tem coisas que para alguns olhares, é só mera coincidência, mais no povo moram sonhos de conduta e ciência. E assim, nossos encantos tomam todas providências.*

*Numa placa, num raspado, transformado num instante. É terra Xakriabá, isso é o mais importante. A escrita modifica, o gesto não é em vão, uma vez que nesta terra teve mesmo a invasão.*

*Os nossos antepassados, que aqui se faz presente, não se sai em uma foto. Mas está no que a gente sente. Estamos devolvendo a nós e a eles a confiança é resistente.*

*Nós vinemos pra ficar, e ver a libertação, na pisada do maracá se arrasta nossa grande multidão. Na conquista dessa terra que garantimos nosso pão.*

*Somos sim, sementes desse chão. Queremos sim, respeito e valorização. Somos sim, quem não se cansa de lutar. Somos sonhadores guerreiros. Somos povo Xakriabá.”*

**Autora: Sandra Bizerra da Silva Souza**

## RESUMO

Meu trabalho foi desenvolvido nas aldeias Várzea Grande e Caraíbas, município de Itacarambi, no norte de Minas Gerais, com o propósito de tornar a história do povo Xakriabá, em específico das aldeias Várzea Grande e Caraíbas, mais acessível para a escola, para a comunidade e principalmente para jovens, que desconhecem a história da luta pela terra. Buscando manter a história viva para que não só a geração atual, mas as futuras gerações também possam conhecer como é o processo de luta por uma terra demarcada. Realizei pesquisas bibliográficas e entrevistas com várias pessoas da comunidade.

**Palavras Chaves:** TI Xakriabá, Várzea Grande; Caraíbas, retomada, memória, luta pela terra.

## LISTA DE FIGURA

Figura 1 - A Terra Indígena Xakriabá. ....	11
Figura 2 - Localização da TI Xakriabá no Estado de Minas Gerais. ....	11
Figura 3 - Croqui do território de Caraíbas e Várzea Grande desenhado por um aluno da escola indígena Bukinuk. ....	20
Figura 4 - Reunião no clube da aldeia Várzea Grande. ....	24
Figura 5 - 4º dia de demarcação, retirada da placa da área de retomada. ....	28
Figura 6 - Nova placa feita por nós indígenas. ....	28
Figura 7 - Local onde construímos nossa escola indígena. ....	33
Figura 8 – Local onde foi construída a escola da aldeia Caraíbas. ....	34
Figura 9 - Alunos da Escola Estadual Indígena Bukinuk/ Aldeia Caraíbas. ....	34
Figura 10 - Alunos, professores e Cacique. ....	35
Figura 11 - Cacique João de Jovina. ....	35
Figura 12 - Equipe de saúde Indígena, das aldeias Várzea Grande e Caraíbas. ....	36
Figura 13 - Professores da Escola Estadual Indígena Bukinuk/ Aldeia Caraíbas. ....	36
Figura 14 - As lideranças e o Cacique das aldeias Várzea Grande e Caraíbas. ....	37
Figura 15 - Amerindo Bizerra da Silva, exemplo de ser humano, orgulho para nosso povo. ....	37

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. CAPÍTULO 1. O TERRITÓRIO XAKRIABÁ.....</b>	<b>9</b>
2.1. A luta pela demarcação da primeira TI Xakriabá.....	11
<b>3. CAPÍTULO 2. A LUTA PELA TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ/ ALDEIAS CARAÍBAS E VÁRZEA GRANDE.....</b>	<b>14</b>
3.1. Caraíbas.....	14
3.2. Várzea Grande.....	18
3.3. Trajetória de vida de Amerindo Bizerra da Silva e sua importância para o território de Caraíbas e Vargem Grande .....	20
<b>4. CAPÍTULO 3. RELATO SOBRE A RETOMADA TAL COMO PRESENCIEI ....</b>	<b>24</b>
4.1. Domingo (01/09/2013) .....	24
4.2. Segunda-feira (02/09/2013).....	25
4.3. Terça-feira (03/09/2013) .....	27
4.4. Quarta-feira (04/09/2013) .....	28
4.5. Quinta-feira (05/09/2013).....	29
4.6. Sexta-feira (06/09/2013) .....	30
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
5.1. Várzea Grande e Caraíbas depois da retomada do território.....	31
<b>6. ANEXOS – IMAGENS DAS ALDEIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>7. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

De certa forma, esta pesquisa, sobre o processo de retomada das aldeias Várzea Grande e Caraíbas, na TI Xakriabá é uma homenagem, ao meu pai, Amerindo Bezerra da Silva, falecido em 23/09/2014. A realização e conclusão desta pesquisa será uma forma de contar um pouco de sua luta e sua história de vida para a comunidade, de registrar para que sua memória não se perca, e para que aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo possam conhecer sua história. Este trabalho ficará disponível para a comunidade e todos poderão ter acesso a ele.

Outro motivo que me fez escolher este tema foi porque vejo a necessidade de termos mais pesquisas e materiais relacionados à retomada das aldeias, Várzea Grande e Caraíbas, para que professores e comunidade possam ter conhecimento de todo o processo de luta. Meu desejo, como eu disse, é que este material seja trabalhado nas escolas do território Xakriabá.

Devemos reconhecer toda a luta e sofrimento que os nossos anciãos passaram, e também valorizar nossas lideranças e cacique, pois são eles que lutaram e lutam pelos nossos direitos e pela organização do território. Com este trabalho, quero agradecer também não só a meu pai, mas todas as lideranças e caciques. Agradeço a todos por terem me proporcionado tantas oportunidades, inclusive de poder participar deste curso. Então, quero deixar aqui a minha eterna gratidão, e dizer que, enquanto houver união haverá cultura e onde houver esperança haverá luta.

Meu trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas entrevistas e registros referentes a retomada do território indígena Xakriabá das aldeias Várzea Grande e Caraíbas. Utilizei também entrevistas e conversas informais, o que me possibilitou ter uma visão mais ampla do contexto que queria para retratar em meu trabalho.

Minha monografia está organizada da seguinte forma: Na primeira parte, busquei relatar um pouco sobre o território Xakriabá, e sobre a história de luta dos Lideranças e Caciques em nosso território. Na segunda parte tratarei da história de

vida do meu pai Amerindo Bezerra da Silva, a sua trajetória de vida e luta pelos direitos da comunidade e pela TI Xakriabá. Na sequência, escreverei sobre a luta pela terra Indígena Xakriabá e, mais especificamente, de Várzea Grande e Caraíbas. Esta terra indígena, que é parte do território tradicional Xakriabá, já foi identificada e aprovada pela Funai, ainda não foi homologada pelo presidente da república por conta de uma controvérsia judicial. Neste trabalho, vou descrever como foi processo de retomada, como se iniciaram os estudos de identificação da TI e como foi minha vivência durante esse período.

Na terceira parte enfatizei as conquistas e os desafios após a demarcação da TI Xakriabá/ Várzea Grande e Caraíbas. Território esse que me possibilitou a desenvolver minha cultura e usufruir da terra e seus recursos naturais. Ainda nessa parte abordarei os desafios de implantar uma escola indígena diferenciada, uma associação e uma saúde indígena na comunidade.

Nas considerações finais, apresento alguns relatos meu sobre as aldeias Caraíbas e Várzea Grande em relação a demarcação, bem como minhas conclusões.

## 2. CAPÍTULO 1. O TERRITÓRIO XAKRIABÁ

Os Xakriabás são do tronco linguístico jê e da família Akwe, da qual fazem parte também os Xavante e os Xerente. Nós Xakriabás estamos em uma tentativa de revitalização da língua Akwe, mas ainda somos falantes de língua portuguesa. Inclusive neste ano de 2019, foi realizado a reformulação do plano curricular das escolas Indígenas e, entre as novas disciplinas, acrescentamos a língua Akwe, que já está sendo trabalhada nas séries iniciais e finais do ensino fundamental.

O povo Xakriabá, em número próximo de 11.000 mil habitantes, vive na Terra Indígena Xakriabá, que é dividida em 36 aldeias. Brejo Mata Fome, Barreiro Preto, Sumaré<sup>1</sup>, Sumaré 2, Sumaré 3, Forjes, Sapé, Itapicuru, Caatinginha, Barra do Sumaré, Itacarambzinho, Embaúba, Morro Falhado, Vargens, Riacho dos Buritis, Pindaíba, Riachinho, Prata, Peruaçu, Dizimeiro, Vargem Grande, Caraíbas, Santa Cruz, São Domingos, Rancharia, Custódio, Pedrinhas, Riachão, Porções, Olho d'Água, Riacho do Brejo, Boqueirão, Furado dos Patos, Furado do Meio, e Caatinginha de Rancharia. Todas essas aldeias ocupam uma área de 53.000 hectares de terra. O território, como um todo faz limites com os seguintes municípios: Manga, Miravânia, Montalvânia, Januária e Itacarambi. O território Xakriabá está localizado no norte de Minas Gerais, e compreende a região entre os rios Itacarambzinho e Peruaçu até as margens do rio São Francisco.

Na seca é o tempo que os Xakriabás começam a reparar as roças, algumas são feitas em mutirão (todos se reúnem para fazer o serviço de um e depois de outro) e assim ajudam uns aos outros. Primeiro faz a derrubada do mato, depois separam as melhores madeiras para fazerem poleiros, cercas, entre outras coisas, O restante das madeiras é queimado para fazer as coivaras. Quando a roça estar pronta para a chegada das águas, a comunidade se reúne para fazer a distribuição de algumas sementes para serem plantadas, e depois que a comunidade termina o serviço, preparam vários tipos de comidas e bebidas para todos daquela comunidade, como forma de agradecimento.

Um traço marcante dos Xakriabás é as rezas de santo, que ocorrem em vários períodos do ano. Nos dias 1,2 e 3 de janeiro, é feito o cântico dos reis nas casas do pessoal da comunidade. Então o grupo dos rezeiros começam a sair nas casas a partir do dia 01 de janeiro de todos os anos, para cantar os reis nas casas das pessoas da comunidade. Dia e noite e passam de casa em casa, até o termino do Ritual.

Os donos das casas oferecem comidas, bebidas e café. No terceiro dia finaliza na casa dos rezeiros, com cantos aos reis e, depois, o samba, em algumas comunidades dura a noite toda e vai até o amanhecer.

Depois das Festas de Reis, vem a quaresma, que se inicia na quarta feira de cinza e dura 40 dias. Na última semana no domingo de ramos é feita a procissão de fé, na qual sai uma criança montada em um jegue, e as pessoas acompanhando a pé com ramos de plantas. Saem pelas ruas da comunidade até a igreja, onde o ritual termina com uma celebração. Na última semana é realizado celebração todos os dias, de quarta feira até sábado. Depois das celebrações são rezadas as ladainhas, e quando é meia-noite as pessoas vão rezando até o cemitério. Na sexta feira da paixão é realizada a via-sacra, na qual as rezadeiras e as demais pessoas passam em 14 casas da comunidade encenando a morte de cristo. Por fim é feita no último domingo da quaresma a ressurreição de cristo.

No fim do mês de agosto são realizados os festejos de São João Batista, que duram 9 dias. Esses dias são distribuídos entre famílias da comunidade, e cada família fica responsável para fazer a celebração do dia. E, no último dia é feito uma festa de comemoração dos festejos.

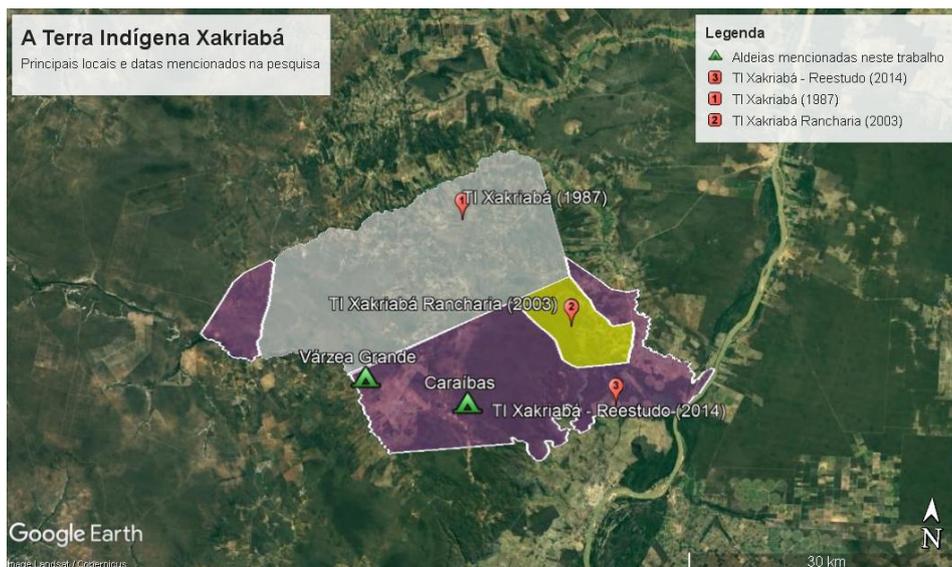


Figura 1 - A Terra Indígena Xakriabá.



Figura 2 - Localização da TI Xakriabá no Estado de Minas Gerais.

## 2.1. A luta pela demarcação da primeira TI Xakriabá

Segundo relato do Cacique Domingos, que foi gravado no evento História do Ponto de Vista Indígena, do FIEI, os xakriabás eram muito perseguidos pelos fazendeiros, viviam sobre pressão e com muito medo dos invasores. A todo momento

nossas lideranças se deparavam com situações de risco ao serem seguidos ou caçados imediatamente eram obrigados a se esconder ou até mesmo correr para se defender dos ataques dos fazendeiros e como meio de se proteger, ficavam escondidos durante o dia e andavam a noite.

Mesmo depois de tanto tempo ocorrido a 1<sup>o</sup> demarcação do território Xakriabá, nossas lideranças ainda são perseguidas, e o principal motivo é por eles lutarem pelos nossos direitos, direitos esses que estão na constituição. Tudo que conquistamos hoje, um pedaço de terra, saúde, educação entre outros foram através de muita luta e persistência.

Na luta pela demarcação das terras do território Xakriabá ocorreram ataques violentos, e muitos de nossos parentes foram brutalmente assassinados. Podemos falar de um massacre permanente dentro do território no período de 1970 e 1987. Este período foi de extrema violência e violação dos direitos humanos. E era tudo mais difícil naquele tempo não tinha luz elétrica e muito menos telefone por perto, isso dificultava muito para as lideranças se comunicarem com os parceiros que estavam juntos na luta.

O meio de comunicação mais usado era a carta que, apesar de um pouco demorado, chegava ao destino certo. Muitos não sabiam ler e muito menos de escrever, poucas pessoas dominavam a escrita e leitura. Também era utilizado o recado por outra pessoa, quando não dava para enviar a carta. Hoje já temos vários meios de comunicação e fica mais fácil nos articular e comunicar quando há necessidade.

A homologação da Terra Indígena Xakriabá, com 46 mil hectares, ocorreu em 1987. Apesar de ter sido uma grande conquista, muitos pedaços de nosso território tradicional ficaram de fora da demarcação. Logo depois da homologação já se iniciou a luta pela demarcação da TI Xakriabá Rancharia, que havia ficado de fora. Ela foi demarcada e homologada em 2003, com 7 mil hectares. Por fim, a TI Xakriabá (Reestudo), que é objeto deste trabalho, foi aprovada pela Funai em 2014, com 43 mil hectares, mas ainda aguarda por homologação. Só depois disso vamos poder ter de

volta uma parte justa, ainda que uma pequena parte quando comparada com o passado, do nosso território tradicional

Apesar das dificuldades e desafios, nosso povo não desiste e a união fortalece nossa luta, e assim estamos conquistando aos poucos nossos direitos. Temos histórias tristes do nosso povo, de tudo que ocorreu no passado. Mas nosso povo continua sempre na luta, por que se paramos de lutar perdemos o pouco que já conquistamos essa é a nossa rotina diária, viver em constante luta para garantir nossos direitos e nossos espaços.

### **3. CAPÍTULO 2. A LUTA PELA TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ/ ALDEIAS CARAÍBAS E VÁRZEA GRANDE**

Nesta parte do trabalho fiz um relato sobre as aldeias Caraíbas e Várzea Grande, descrevendo suas localizações, origens, suas relações de parentescos, culturais e políticas com as demais aldeias, sua população e formas de ocupação.

#### **3.1. Caraíbas**

Meu pai sempre falava que o Cacique Rodrigo dizia que aquela terra pertencia a nós, por fazer parte da área constante do termo de doação<sup>1</sup> e que, por isso, nós deveríamos resistir lá até quando fosse possível, e também lutar para demarcá-la.

O início dos estudos para demarcação dessas terras foi em 2007, quando um antropólogo e um engenheiro realizaram várias visitas pelas aldeias e também entrevistaram vários moradores, inclusive os mais velhos que nasceram e viveram ali durante todos esses anos, para que assim chegassem à conclusão de que ali realmente é terra indígena.

Caraíbas é uma comunidade situada na região do rio Peruaçu, no município de Itacarambi, com uma população de cerca de 30 famílias. Caraíbas tinha uma população bem maior antes da tragédia que ocorreu em 2008, quando um terremoto destruiu a comunidade e fez uma vítima fatal. Após o terremoto, a comunidade foi interdita pelas autoridades, e os moradores foram morar em abrigos em Itacarambi, enquanto era construída uma vila de casas populares em um bairro para abrigá-los, um conjunto habitacional que foi chamado de Nova Caraíbas. Mas a maioria dessas famílias não conseguiram permanecer lá por muito tempo, e foram voltando para sua aldeia e recomeçando tudo novamente, pois para quem vive na zona rural há muitos

<sup>1</sup> A história conta que essa terra foi uma “doação” feita pelo fazendeiro e “administrador dos índios” Januário Cardoso de Almeida, ocorrida em 1728.

anos e sobrevive das criações de animais e plantações não tem como sobreviver na cidade por muito tempo.

Outro fato importante que fizeram retorna para sua aldeia foi também a luta pela terra, apesar do ocorrido não desistiram de continuar lutando pelos direitos e até mesmo pela sobrevivência da comunidade. A população de Caraíbas vivia em um espaço muito pequeno, com pouco espaço para o plantio das roças, por que a maior parte das terras desta comunidade estava em posse do fazendeiro. É uma área muito extensa, e tudo que era produzido ali era em benefício ao fazendeiro. Segundo relato dos mais velhos que moravam ali, quando o fazendeiro teve posse naquela área até o cemitério que existia lá ele proibiu que a comunidade tivesse acesso e tiveram que construir outro cemitério em outro local.

Em uma entrevista realizada em 2009 com D. Saturnina (RCID, 2013, p. 48 em diante), a mesma relatou que, quando era criança, os índios das aldeias vizinhas vinham frequentemente na região de Caraíbas. Vinham andar pelas grutas e pegar remédios nos campos. Ela lembra que de cada pau tiravam um galho. Disse que lá tem muitos remédios naturais e frutos de coleta, como “cabeça de negro, papaconha, unha d’anta, roseta, grão de galo, betona, alcanforzinho, imburana vermelha, imburana de cheiro, pequi, dorete, catinga de porco, velame, calunga, jatobá, tatarena, sucupira, favela, barbatimão”, entre outros (RCID, 2013: 49).

Ela falou, nessa entrevista, que sua família também sempre ia para as aldeias vizinhas visitar os parentes, disse que uma vez foram visitar o velho Estevão, que era rezador deles, e que ele falou que o povo de Caraíbas e Várzea Grande tinha sangue de índio bravo (*idem*, p. 50).

Nesta região existem várias grutas. A mais perto de Caraíbas fica a dois quilômetros, e o nome de Caraíbas veio do nome de uma árvore com nome caraíba, que existia nesta mesma comunidade. Segundo os mais velhos, como D. Saturnina, existiam muitas árvores com esse nome, até que chegou o fazendeiro e derrubou tudo para fazer pastos, em uma área que era antes chamada de “Brejinho Velho” (*idem*, p. 50).

Segundo ela, o cemitério antigo dos índios da região era onde hoje existe só um cruzeiro velho, no meio do pasto da fazenda. Um dos antigos donos da fazenda proibiu de usarem o cemitério. Aí reuniram as pessoas da comunidade, fizeram um mutirão e fizeram outro cemitério, que hoje é cemitério de Caraíbas, e que foi murado pela prefeitura de Itacarambi.

Segundo D. Saturnina, na tradição Xakriabá faziam festas de Santa Cruz onde havia cruzeiros e cemitérios, tradição que é realizada até hoje nas aldeias. Mas, desde aquela época, com a proibição do uso do cemitério que fica no meio do pasto, passaram a fazer as festas somente no cemitério novo de Caraíbas. As festas foram realizadas até quando ocorreu o terremoto. Depois dessa tragédia, muitas pessoas se mudaram dali. Alguns voltaram depois de alguns anos e hoje a comunidade tem apenas 15 famílias, e essas pessoas que estão ali não fazem mais essas festas tradicionais. Mas elas ainda são realizadas nas outras aldeias, como Várzea Grande, aldeia vizinha. Primeiro as pessoas rezam, em seguida um lanche e, na sequência, como disse D. Saturnina, “um forró bravo” Depois tem uma alvorada com fogos de artifícios. Nas aldeias têm as mulheres rezadeiras que fazem a frente, e isso vai passando de geração para geração.

Aqui existem histórias sobre a “Onça Cabocla”, como conta D. Saturnina em sua entrevista para o RCID. Ela narra que:

Seu tio Januário contava que uma vez mandaram-no amarrar um burro, mas toda vez que ele amarrava, quando ia embora, a onça cabocla vinha e desamarrava. Quase todos os Xakriabá, quando nos referimos à Onça Cabocla nós a chamamos de vó. D. Saturnina ainda lembra das orientações do pajé Estevão, que dizia para não falar nada da Onça Cabocla, que assim ela não mexia com eles. Também relata que era preciso fazer algumas coisas para agradar ela. Segundo ela quando iam para Missões, deixavam fumo para a Onça Cabocla na estrada. D. Saturnina conta que deixavam o fumo em um lugar especialmente adequado para isso, que era o jequitibá, que fica na estrada que dá acesso a Missões, passando pela aldeia prata, na região da retomada de Morro Falhado. Ela diz que tinha uma sobrinha

Chamada Madalena, que era muito doente e a mãe dela fez um pedido para a Onça Cabocla para curar a filha e, como o pedido foi atendido, ela ia lá naquele lugar deixar presente para agradecer a Onça Cabocla (RCID, p. 50).

Segundo o relatório, esse lugar fica na região que hoje é ocupada pela aldeia Morro Vermelho. Ali perto tem uma gruta, que é a casa da Onça Cabocla e que, segundo o Cacique Santo declara no relatório, o local também era um lugar de parada para descanso dos índios que vinham das aldeias para Missões. Segundo o RCID:

Apesar disso, tanto a área do Jequitibá quanto a área de Caraíbas ficaram fora das demarcações. Mesmo assim, eles não perderam o contato e o respeito as autoridades do grupo. Segundo D. Saturnina, sempre que chegava um fazendeiro era um problema que a comunidade tinha, pois queriam mandar em tudo, mas que naquela época o Cacique Rodrigo os orientou para que eles resistissem e não saíssem de Caraíbas, por que a demarcação ia “descambar pra lá ainda, e que a terra tinha que descer até Caraíbas porque o descanso dos índios era lá no lugar chamado Quilombo, onde tem uma ponte no Rio Peruaçu (RCID: p. 51)

Ainda segundo o mesmo relatório:

O principal foco de conflito fundiário na região de Caraíbas é a Fazenda Várzea Grande, também conhecida por todos como “Elge”. Essa grande propriedade deslocou muitos índios de suas antigas moradias e áreas de cultivo, das quais não possuíam documentos de posse. Os moradores mais antigos dessas comunidades apontam vários locais onde havia moradias que hoje foram tomadas pela pastagem da aldeia. Em vários locais destas comunidades é possível encontrar vestígios destas ocupações indígenas, tais como uma árvore frutífera isolada, embora a maioria da vegetação tenha sido derrubada. Também se encontra, eventualmente, algumas marcas de antigas moradias, mas a principal marca apontada pelos mais velhos é o cruzeiro do antigo cemitério, isolado em meio a pastagem, como verdadeira testemunha

desse processo de esbulho. Nos restaram apenas pequenas poções de terra, praticamente os quintais de nossas casas e mais um pouco de terra como área de cultivo, nas margens do rio Peruaçu. A própria área da aldeia Caraíbas, era inteiramente cercada pelas pastagens. (RCID: p. 51)

### **3.2. Várzea Grande**

Esta comunidade está no município de Itacarambi. É uma comunidade tradicional que existe há muito tempo. Segundo o RCID (p. 54), nesta comunidade residem cerca de 160 famílias.

Aqui na comunidade de Várzea Grande existem muitos parentes das tradicionais famílias Indígenas, Seixas Ferro e Fiuza. Os avós do meu pai também moravam em uma aldeia já demarcada. Existem ligações de parentesco entre os moradores dessa comunidade e os de Caraíbas, além de ligações de parentesco nas aldeias mais próximas, como, Peruaçu, Sumaré, Barreiro e Caatinginha. Aqui na comunidade também tem o cruzeiro onde é realizado os festejos de Santa Cruz, no qual estão enterrados muitos Xakriabá.

A comunidade sempre esteve presente na política do município. Inclusive meu pai Amerindo Bezerra da Silva foi representante como vareador desta comunidade durante 12 anos, eleito por 03 mandatos. Antes de se tornar liderança da comunidade, indicado pelos próprios moradores da aldeia Várzea Grande. Amerindo sempre buscou melhorias para as duas comunidades Caraíbas e Várzea Grande. Quando ocorreu a retomada do território Xakriabá das aldeias Várzea Grande e Caraíbas, o prefeito do município de Itacarambi era contra essa retomada, mas a liderança da comunidade Amerindo sempre manteve essa parceria e união com a administração do município, pois a comunidade depende muito do município.

Uma parte dos moradores da comunidade de Várzea Grande estão morando fora, foram em busca de serviços e mais oportunidade de vida, saúde e educação. Mesmo antes da demarcação na comunidade já existia a escola, creche e a unidade

básica de saúde, que pertence ao Município de Itacarambi. Porém praticamente todos os funcionários são do Município de Itacarambi e Januária. Na época meu pai era vereador, porém, para trabalhar na escola ou na creche a pessoa tem que ter curso superior, e também conseguir passar em um concurso que era disponível para todos, independente da cidade em que morava. Concorrer com tanta gente assim é complicado, muitas vezes os pais gastavam todas suas economias para o filho fazer uma faculdade particular e mesmo assim o filho ainda não conseguia emprego, devido à concorrência. Isso era uma tristeza para os pais, pois sabiam que os filhos acabariam indo embora em busca de emprego. Para comunidade, isso é muito ruim, porque dificilmente quem vai embora volta a morar na comunidade, pois lá eles acabam construindo casas, famílias e criando um vínculo com o próprio lugar, não por escolha, mas por necessidades.

Várzea Grande é uma comunidade que sempre manteve suas tradições culturais, temos as rezas de santa cruz, os festejos tradicionais, grupos de jovens que participam da organização dos eventos na igreja local, folias de reis e, depois da retomada do território, começamos a fazer as noites culturais com a participação de todos, inclusive das crianças e dos mais velhos. Nesses eventos também contamos com a participação dos nossos parentes das aldeias vizinhas, assim como nós participamos dos eventos lá nas aldeias já demarcadas. Sempre teve essa união entre os moradores das comunidades, isso é muito importante não só nos momentos culturais e tradicionais mais também nos processos de luta dentro e fora do território.

A retomada não é apenas um espaço físico, para nós indígenas significa muito mais que isso. Além de ser um espaço de reafirmação da identidade étnica, tornando um espaço de reorganização da saúde, educação, cultura, sociabilidade, economia, enfim, um espaço de retomada do significado de ser indígena e ter nossa dignidade humana, onde nos foram tirados muitos dos nossos direitos, a retomada é a raiz da luta pela conquista dos nossos direitos.



Figura 3 - Croqui do território de Caraíbas e Várzea Grande desenhado por um aluno da escola indígena Bukínuk.

### 3.3. Trajetória de vida de Amerindo Bizerra da Silva e sua importância para o território de Caraíbas e Várzea Grande

Amerindo Bizerra da Silva nasceu no dia 05 de novembro de 1946. Filho de Miguel Pereira da Silva e Ana Sales Bizerra, casou-se com Diolícia Bizerra da Silva no dia 22 de abril de 1978, e com ela teve cinco filhos: Solange Bizerra da Silva, Elizangela Bizerra da Silva, Amerindo Bizerra da Silva Filho, Sandra Bizerra da Silva e Eliane Bizerra da Silva.

Amerindo nasceu na comunidade de Várzea Grande e morou com seus pais até os 20 anos de idade. Em seguida foi trabalhar em uma usina na cidade de São Paulo, e só retornava para comunidade no período de férias. Depois de sete anos morando fora ele recebeu um convite para trabalhar em uma fazenda com criações de animais próxima de sua comunidade. E assim retornou para sua comunidade.

Depois de algum tempo começou a namorar com Diolícia Bizerra da Silva, minha mãe. Após três anos de namoro decidiram se casar. Depois do casamento, Amerindo pediu demissão da fazenda em que trabalhava, e com o dinheiro que recebeu comprou um pedaço de terra para construir sua casa. Junto com sua esposa, Diolícia, começaram a trabalhar por conta própria com plantação de roça e criações de animais. Naquela época chovia muito e tudo que plantava tinha um bom resultado, tinha uma boa colheita. Meu pai vendia os produtos para todas as comunidades e cidades vizinhas. Assim, depois de algum tempo, conseguiu comprar mais terras e aumentar suas plantações.

Amerindo se candidatou a vereador pelo Município de Itacarambi pela primeira vez no ano de 1991. Foi eleito com 368 votos e assumiu o cargo de vereador dia 01 de janeiro de 1992. Foi reeleito sucessivamente por doze anos, encerrando seu último mandato em 2004.

Amerindo apoiava o então prefeito daquela época, José Ferreira de Paula, e juntos conseguiram várias melhorias para as comunidades de Caraíbas e Várzea Grande. Neste período foram construídas a escola na comunidade de Várzea Grande, que recebeu o nome de Escola Municipal Amerindo Bizerra, em sua homenagem, a Creche Sementinha da Esperança, que atende todas as crianças dessas duas comunidades, o posto de saúde, onde hoje a equipe da SESAI faz o atendimento, áreas de lazer como o Clube Recreativo e o Campo de Futebol, entre outras.

Amerindo Bizerra da Silva conhecido por todas as comunidades vizinhas, pelo seu trabalho como homem guerreiro, sua trajetória de vida política e de liderança da comunidade de Várzea Grande, deixou marcas na vida dos moradores dessas duas comunidades, não apenas como vereador e liderança, mas pelo ser humano que era, sempre pensando no bem-estar de todos, que não media esforços para ajudar quando preciso.

Amerindo já conhecia a história daquelas duas comunidades, e já tinha conhecimento de que eram comunidades indígenas. Só estava faltando a demarcação das terras, que a qualquer momento poderia acontecer. Inclusive seu pai, Miguel Pereira da Silva, antes de se casar com sua mãe, Ana de Sales Bezerra, morava na

aldeia Custódio, localizada na TI Xakriabá. Amerindo conhecia todos ali nas aldeias vizinhas já demarcadas e, mesmo antes de ser nomeado a liderança da comunidade de Várzea Grande, ele já representava seu povo nos encontros e reuniões com lideranças e Caciques das aldeias vizinhas. Esses encontros eram para tratar de assuntos relacionados a retomada do território das aldeias Várzea Grande e Caraíbas, onde sua presença era de suma importância.

Quando o estudo para demarcação das terras começou em 2007, logo procuraram o então representante da comunidade, Amerindo, para que o mesmo relatasse a história dos moradores daquelas duas comunidades e que pudesse levá-los até as pessoas mais velhas para assim realizar suas pesquisas.

O cacique João de Jovina, em entrevista concedida a mim para essa pesquisa, relatou que uma semana antes da retomada, se reuniram em sua residência as lideranças das aldeias vizinhas, Caciques e o representante Amerindo, para decidirem e organizar todo o procedimento da retomada do território das aldeias Várzea Grande e Caraíbas. Para isso, o Cacique disse que precisava da união de todos, que era preciso cada liderança reunir todos os moradores de suas comunidades para repassar o comunicado do que decidiram ali.

Chegando em sua comunidade, Amerindo reuniu com todos ali das duas comunidades e marcou um encontro para o dia 01/09/2013, no clube recreativo de Várzea Grande, destacando a importância de que todos comparecessem nesse dia. E foi nesta data que reuniram todos no clube recreativo, e de lá foram até a casa do fazendeiro, que reside na aldeia Caraíbas, terras pertencentes a nós índios Xakriabás.

Amerindo Bezerra da Silva esteve sempre presente e organizando tudo juntamente com a atual liderança da aldeia caraíbas, Hélio Carlos Macedo, e com Caciques e lideranças das aldeias vizinhas. Logo em seguida foi nomeado liderança da aldeia Várzea Grande pela comunidade. Enquanto liderança estava sempre pensando em defender seu povo. Infelizmente durou pouco sua trajetória de vida como liderança, pois em 2014 depois de uma queimada em uma extensa área de terra da aldeia Várzea Grande, Amerindo, preocupado com o risco que corria a população, foi verificar o ocorrido. Ele pediu para que cortassem aquelas árvores queimadas que

estavam prestes a cair. No momento que estavam cortando uma dessas árvores, ele resolveu passar para ir até sua residência, mas, infelizmente não deu tempo ele passar e a árvore caiu em cima dele. No mesmo momento fomos avisados, porém, ao chegar no local ele já tinha falecido. Foi um momento muito triste e marcante para todos, pois naquele momento perdemos um grande guerreiro, que viveu lutando pelo seu povo.

Em seguida a comunidade reuniu e decidiram nomear como liderança meu irmão Amerindo Bezerra da Silva Filho, que é atualmente a liderança da aldeia Várzea Grande, e vem dando continuidade no trabalho do nosso pai que, infelizmente, não se encontra mais conosco.

A seguir, vou contar um pouco de como foi o processo de retomada do território a partir de minhas impressões como participante do movimento.

#### 4. CAPÍTULO 3. RELATO SOBRE A RETOMADA TAL COMO PRESENCIEI

##### 4.1. Domingo (01/09/2013)



*Figura 4 - Reunião no clube da aldeia Várzea Grande.*

Na última semana de agosto, a liderança de Várzea Grande, Amerindo, e Hélio Carlos Macedo, liderança da aldeia Caraíbas, reuniram-se com todos os moradores das duas comunidades para passar algumas informações e decisões tomadas pelas lideranças e caciques nos vários encontros que tiveram para discutir o processo de demarcação do território das duas aldeias e também convidar a todos para um momento de conversa no clube recreativo na comunidade de Vargem Grande. Apesar de o movimento de retomada já ser uma realidade no meio do povo, até então não sabíamos o que realmente iríamos fazer naquele dia marcado.

Na manhã de domingo caciques e lideranças fizeram uma assembleia a comunidade de Várzea Grande e Caraíbas, com participação das duas comunidades citadas e também de algumas aldeias vizinhas. Após a realização desta grande

assembleia, todos nós que estávamos ali (cerca de 300 indígenas) decidimos fazer uma visita à sede da fazenda São Judas Tadeu.

Naquele momento fiquei surpresa e ao mesmo tempo preocupada, sem saber o que realmente iria acontecer quando chegasse lá na fazenda. Mas todos que estavam ali concordaram em ir, quem estava de moto foi, quem estava a pé foi nos ônibus que vieram das aldeias vizinhas já demarcadas. Na hora em que cheguei lá e vi as lideranças pedindo as chaves da casa para o gerente, achei que ia ter morte nesse dia, mas, como tinha muita gente e todos unidos pelo mesmo objetivo, acabei me sentindo segura e confiante que tudo poderia dar certo.

A ação de retomada foi efetivada e informada ao gerente da fazenda, que compareceu ao local minutos depois. Logo em seguida, o gerente informou ao fazendeiro, que mora em São Paulo, sobre a ação realizada por nós. Via rádio, o fazendeiro tentou nos intimidar, nos acusando de invasores e nos ameaçando caso houvesse danos ao seu patrimônio.

Ao mesmo tempo um grupo de lideranças retornou as aldeias já demarcadas e homologadas para mobilizar mais pessoas e fortalecer a ação, uma atitude de união que foi muito importante naquele momento. Também nos fortalecia saber que não estávamos sozinhos, pois tínhamos muito medo da reação do fazendeiro.

No mesmo instante lideranças nos mantinham informados sobre a nossa situação, diante do que estava acontecendo, e o que era preciso ser feito em relação a organização de todos que estavam ali.

#### **4.2. Segunda-feira (02/09/2013)**

Pela manhã foram chegando mais grupos de pessoas de outras aldeias. As lideranças pediram para que todos reunissem ali debaixo de um pé de árvore para repassar algumas informações e, em meio à reunião, a polícia militar chegou até o local. Todos se aproximaram da viatura para saber o motivo da presença dos policiais no local.

Neste momento o clima ficou tenso entre todos nós, mas os caciques e lideranças controlaram os ânimos. Neste mesmo instante também chegava ao local o fazendeiro Pedro Cesarini e os seus dois filhos, que também foram impedidos por nós de entrar no local. O fazendeiro se deslocou de São Paulo, chegou em Itacarambi de avião e pousou na fazenda ICIL, localizada a cerca de 30 KM do local da retomada. O fazendeiro e seus filhos desceram do carro bastante exaltados e logo foram cercados por nós. Mais uma vez o clima ficou tenso.

A polícia militar lavrou o Boletim de ocorrência ao mesmo tempo em que o filho do fazendeiro nos ameaçava. Em seguida, os policiais, juntamente com o fazendeiro e seus filhos, se retiraram do local rumo à cidade de Itacarambi.

Durante o dia nos organizamos em grupos junto com as lideranças, para garantir a estrutura (Água, comida, segurança, documentos, contatos, reuniões internas, comunicação interna nas aldeias e externas e outros). Isso tudo exigiu uma grande logística, como recorda o cacique João de Jovino uma entrevista realizada no dia XXXX:

Logo a maior dificuldade que tivemos foi que planejamos a retomada a ocupação da terra mais não pensamos na alimentação. O que nosso povo ia comer? Naquele dia, que foi dia 01 de setembro de 2013, que veio todo mundo pra cá, nós não tinha pensado o que ia comer, e quando chegou 6 horas da tarde aquele tanto de gente aqui, eu chamei Cirilo e o finado Amerindo num canto e falei: “o que nós vai dar para esse povo comer hoje a noite e amanhã, o que nós vai fazer?” O finado Amerindo falou: “espera aí, vou lá na Várzea Grande”. Eu logo falei com meu filho para ir lá em casa e trazer uma cesta. Compadre Carlim levou panelas, copos e trouxe mais alimentos. O finado Amerindo fez uma compra grande no mercadinho de Daço, na Várzea Grande, e levou. Os homens que tava lá logo foram fazendo uma fogueira, e as mulher começou a cozinhar. Mas, depois da ocupação daqui cada dia ia chegando mais xacriabá e todos que vinha trazia alguma coisa para fazer naquele dia, e assim todos comia, estava resolvido o problema da alimentação. Agradeço muito a todos Xakriabá pela união e participação, por que não é fácil a luta pelos nossos direitos, e essa luta começa pela retomada do nosso território.

Neste mesmo dia relatado por João de Jovino, o Cacique e lideranças fizeram um acordo para que o gerente da fazenda retirasse todo o gado que estava na fazenda. Nós determinamos o prazo de sete dias para que os cerca de 3.000 bois fossem imediatamente retirados da fazenda.

#### **4.3. Terça-feira (03/09/2013)**

Todos os dias chegavam mais grupos de pessoas de outras aldeias, ônibus com alunos e professores. Na medida em que as informações iam sendo repassadas nas 32 aldeias. E o que mais me chamava atenção diante da nossa luta era a união e participação de todos. Isso me marcou muito, todos dispostos a nos ajudar no que fosse preciso.

O setor da educação aderiu à luta e se fizeram presente entendendo a necessidade do fortalecimento da educação diferenciada. As aulas foram suspensas nas estruturas e currículos determinados pelo “Estado”, professores e alunos assumiram o registro fotográfico, filmagens, coleta de assinaturas e documentação na ação de retomada.

Naqueles momentos todos chegavam com as suas contribuições para a alimentação. Ainda me lembro que meu pai, Amerindo por várias vezes fez compras grandes no mercado que tem na comunidade de Várzea Grande para levar para o local, como recordou também Jovino em sua entrevista. Todos que estavam ali ajudavam de alguma maneira. Nós mulheres, estávamos na cozinha improvisada, onde antes era um galpão de ferramentas. Ali cozinávamos para todos.

Neste mesmo dia o gado do fazendeiro começou a ser retirado da área através de caminhões boiadeiros. O carregamento e retirada se estendeu até a noite. Até então a presença do gerente e vaqueiros no espaço de retomada estava garantida no acordo, isso enquanto durasse o transporte do gado.

#### 4.4. Quarta-feira (04/09/2013)



Figura 5 - 4º dia de demarcação, retirada da placa da área de retomada.



Figura 6 - Nova placa feita por nós indígenas.

A cada dia nós nos organizávamos para dividir as tarefas e organizar melhor o espaço entre todos que estavam ali, inclusive crianças. Entre as definições do dia estava a retirada de uma placa que se localizava na entrada da fazenda, constando o nome da mesma e recomendações. Nós decidimos então pelo início da mudança da história. Um grupo de homens se deslocou até o local onde a placa estava instalada, retirando-a e levando até a sede.

Ao chegar à sede, nós reunimos e raspamos da placa o nome da fazenda “**São Judas Tadeu**” e reescrevemos uma nova história. Após a retirada do nome da fazenda da placa, nós usamos a tinta branca e vermelha para restabelecer a verdade. A partir daquele momento a área passava a se chamar “**Terra Indígena Xakriabá**”, uma mudança, que foi realizada junto com o ritual feito por todos que estavam ali presentes. Naquele momento tivemos um sentimento de libertação e reafirmação do nosso compromisso com nossos antepassados, esta ação fortaleceu ainda mais nosso povo.

#### **4.5. Quinta-feira (05/09/2013)**

A presença do Helicóptero da polícia Militar sobrevoando a área deixou todos nós muito preocupados e aflitos, mas naquele momento resolvemos fazer uma grande roda de Toré, mostrando que não nos sentíamos intimidados e que estávamos dispostos a resistir a qualquer tipo de pressão ou ameaça.

O processo de organização na área de retomada foi feito pelos grupos e lideranças para começar a ocupar os espaços, como galpões e casas. Mulheres e crianças tiveram a prioridade na ocupação das casas, porque tinha mais proteção. Naquele dia mesmo mais carreatas saíram carregadas com o gado.

O período das chuvas se aproxima e nós precisávamos organizar como seria distribuição da ocupação da área retomada e a preparação das roças.

#### **4.6. Sexta-feira (06/09/2013)**

As carretas de boiadeiros continuam em plena movimentação na retirada do gado da área retomada. Este movimento foi intenso durante toda a semana e parece que restavam poucos gados para serem transportados.

Após uma reunião com a FUNAI, as lideranças definiram as estratégias de ocupação da área retomada e as responsabilidades das lideranças e comunidades, entre as quais: Preparação das roças no sistema de mutirão, rodízio das comunidades na permanência na área, plantio de hortas comunitárias, aumento da segurança diante de uma possível reação da associação dos fazendeiros, intervenções externas junto aos órgãos competentes para acelerar o processo de marcação e delimitação das áreas identificadas no relatório.

Depois de alguns dias fomos nos organizando no espaço e as atividades a serem feitas, organizamos também por aldeia para cada dia uma aldeia permanecer no local. Me lembro que as lideranças não permitiam que as crianças dormissem no local pois achavam que era perigoso aí só dormia os adultos e na maioria das vezes era mais os homens que dormiam no local, mas durante o dia tinha a presença de todos, mulheres e crianças. E foi a união de todos ali naqueles momentos que conseguimos reconquistar nossa terra.

## **5. CONCLUSÃO**

### **5.1. Várzea Grande e Caraíbas depois da retomada do território**

Depois de muita luta e união, essas duas aldeias tiveram muitos avanços até o momento, e juntos iremos lutar pelos nossos direitos que nos foram tirados. Lideranças e Cacique juntos com a comunidade conseguimos trazer para atender as duas aldeias, uma equipe de saúde, com uma enfermeira, duas técnicas de enfermagem, agente de saúde, dentista e o médico.

Na unidade de saúde onde a equipe trabalha tem sala completa de vacinação, farmácia com vários medicamentos para atender as demandas das duas aldeias. Isso foi muito bom para todos nós que moramos em uma aldeia onde o Município é responsável, mas que não presta o devido atendimento que a população necessita. Pois antes tinha só o atendimento do médico um dia na semana para atender as duas comunidades, e muitas vezes passava duas semanas ou mais sem atendimento médico. Assim, na maioria das vezes, tínhamos que ir para cidade tentar uma consulta. Estávamos praticamente esquecidos pelo Município.

Atendimento com o dentista também era só na cidade. Hoje, depois da demarcação, nossa equipe de saúde faz um trabalho muito bom nas duas aldeias, tem o atendimento a domicilio aos moradores mais idosos, onde a equipe vai até a casa do paciente para atendê-lo. Conseguimos também dois carros para atendimento das comunidades. Um carro é exclusivo para emergências, por que nos casos mais graves é preciso deslocar para Itacarambi, que é a cidade mais próxima onde tem hospital, e nem todos tem condições de fretar um carro para chegar até lá em caso de emergência.

O outro carro é para transportar a equipe de saúde, e também para transportar aqueles pacientes que não tem como ir até a unidade básica de saúde. E estamos lutando para conseguir uma enfermeira plantonista, pois há muitas demandas. Também precisamos de um local para a equipe fazer o atendimento, pois até o momento o atendimento é realizado na unidade básica de saúde do município de Itacarambi, onde também é realizado o atendimento aos não indígenas pela equipe

de saúde do município, e isso causa um certo conflito no local, devido ao preconceito e discriminação que ainda sofremos.

Durante esse tempo criamos nossa própria associação, por meio da qual podemos conseguir recursos no banco para ampliar nossas plantações e a criação de animais. Com a criação da associação ficou mais fácil os moradores terem acesso a aposentadoria por idade, e também outros benefícios, e até mesmo ter sua própria fonte de renda.

No ano de 2018 conseguimos criar uma escola na aldeia Caraíbas, para atender as duas aldeias, que está vinculada a Escola Estadual Indígena Bukinuk, que no momento atende a (07) sete endereços nas aldeias, localizada na aldeia Sumaré I onde fica a Escola sede. Atendemos as turmas da Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Eja. Um grande avanço para nós conseguir que nossos alunos estudem em uma escola indígena e que tenham uma educação diferenciada. Apesar de ser nosso direito, só através de muita luta para conseguirmos essas conquistas.

Nossa Escola hoje tem em média 30 funcionários, inclusive eu, que também faço parte do quadro de funcionários da escola Estadual Indígena Bukinuk. Sou supervisora pedagógica lá e também atendo mais duas escolas nas aldeias vizinhas, que são vinculadas a Escola Bukinuk. Todos os funcionários são indígenas, até porque não tem como ter uma educação diferenciada com professores não indígenas, professores que vem da cidade onde sua realidade é totalmente diferente da nossa. Nossos alunos têm direito a educação diferenciada em sua aldeia. Através da escola temos a oportunidades de repassar os conhecimentos dos mais velhos, sobre toda nossa história inclusive de nossos antepassados, o processo da luta pela retomada do território, conhecimentos importantes para nossos alunos e que assim podemos passar de geração para geração.

Hoje temos espaço suficiente para plantação e criação dos nossos animais, muitos moradores que não tinha terra para construir hoje já tem sua própria moradia, as famílias estão aumentando nos espaços, quem não conseguiu emprego até o momento tem outras fontes de renda, como o Seu Pernambuco que mora na aldeia

Várzea Grande e tem uma enorme plantação de verduras e frutas, onde o mesmo além de entregar nós comércios local também repassa para a escola, assim não precisamos comprar na cidade.



*Figura 7 - Local onde construímos nossa escola indígena.*

Essa plantação está localizada na área onde o fazendeiro possuía, e que servia apenas para produzir pasto para os bois do fazendeiro, e que empregava apenas (05) cinco funcionários. Enquanto os moradores sem fonte de sobrevivência e até mesmo sem espaço para construir e plantar. Para as lideranças Xakriabá, o sangue de Rosalino germinou as lutas recentes. Nosso povo não parou de lutar, continuaremos plantando, colhendo e resistindo. Conforme esse trabalho demonstrou, o território de Caraíbas e Várzea Grande é, sempre foi, e sempre será Terra Indígena Xakriabá!

## 6. ANEXOS – IMAGENS DAS ALDEIAS



*Figura 8 – Local onde foi construída a escola da aldeia Caraíbas.*



*Figura 9 - Alunos da Escola Estadual Indígena Bukinuk/ Aldeia Caraíbas.*



*Figura 10 - Alunos, professores e Cacique.*



*Figura 11 - Cacique João de Jovina.*



Figura 12 - Equipe de saúde Indígena, das aldeias Várzea Grande e Caraíbas.



Figura 13 - Professores da Escola Estadual Indígena Bukinuk/ Aldeia Caraíbas.



*Figura 14 - As lideranças e o Cacique das aldeias Várzea Grande e Caraíbas.*



*Figura 15 - Amerindo Bizerra da Silva, exemplo de ser humano, orgulho para nosso povo.*

## 7. BIBLIOGRAFIA

ABREU, W. *Onde houver Xakriabá, haverá resistência! Violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a Ditadura Militar*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). 2018

FUNAI – *Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena xakriaba* (reestudo). 2013